



O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Jéssica Girlaine Guimarães Leal ¹
Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva ²

RESUMO

Um dos pilares preconizados pela Base Nacional Comum Curricular, atual documento normativo da Educação Básica, é que os alunos possam ter acesso, compreendam as linguagens e façam uso dos diversos gêneros textuais/discursivos. Nesse sentido, objetivamos apresentar um estudo sobre o gênero textual em quadrinho no qual analisaremos quais as contribuições das Histórias em Quadrinhos para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa para sujeitos com surdez. Cirne (2006), Quadros e SCHMIEDT (2006), Vergueiro (2010) foram os estudiosos que nortearam a fundamentação teórica desta pesquisa, que teve como principais fontes utilizadas artigos científicos e livros. Fizemos uso de uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Os resultados direcionam para a relevância das Histórias em quadrinhos na aprendizagem de Língua Portuguesa como L2, direcionando para potencialização desse recurso didático em sala de aula.

Palavras-chave: LIBRAS; Histórias em quadrinhos; Gênero textual.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa tem sido alvo de muitas discussões, sendo pautadas em vários documentos nacionais ligados à educação, ao qual direcionam para relevância dos gêneros discursivos textuais, bem como estabelecem como proposta de ensino de Língua Portuguesa. Decorrente disso, observamos uma mudança no cenário educacional brasileiro e o uso intensificado em sala de aula. Anos atrás, gêneros com muitas imagens não possuíam muita adesão pelos docentes, sob crença de não serem apropriados, por tratarem-se de histórias fictícias, em que o universo colorido das suas páginas podia

¹ Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido – RN - jessica.leal@ufersa.edu.br - Orcid 0000-0002-0630-3892
lattes:<http://lattes.cnpq.br/9022703001795092>

² Doutorando do Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Rodrigo.2020607192@unicap.br
lattes:<http://lattes.cnpq.br/4068855324507238>

prejudicar os jovens, crianças contribuindo para o desinteresse pela leitura, entre esses gêneros estão as histórias em quadrinhos (HQ) tanto de origem oriental como ocidental.

Durante muitos anos as HQ foram de acirradas críticas, palco de discussões até conseguirem até suplantar a visão de docentes e pais, sendo integrados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nos Parâmetros Curriculares Nacionais como ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem.

Por se tratar de um gênero que tem ganhado popularidade entre crianças e adolescentes com sequência de edições que retroalimentam o interesse do público envolvido além de ser bastante acessível, procuramos analisar quais as contribuições das Histórias em Quadrinhos para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa para sujeitos com surdez.

Inegavelmente, percebemos que as Histórias em Quadrinhos corroboram para despertar e incentivar o gosto pela leitura, e que quando inseridos em salas de aulas apresentam resultados produtivos e positivos em todos os níveis linguísticos, devido inicialmente às diversas possibilidades de temáticas, bem como oferecem abertura para discussão interativas em sala e análise crítica, uma vez que sabemos que já possuem uma bagagem de visão de mundo.

É com base na relação do uso das HQs e ensino que desenvolvemos nosso trabalho, com objetivo de analisar quais as contribuições das Histórias em Quadrinhos para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa para sujeitos com surdez. Para cumprirmos essa meta, apoiamos-nos em alguns teóricos que abordam o tema, como...

De acordo com o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Art. 2º:

[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997/1998) constituem um documento que propõe o trabalho com os gêneros textuais para o ensino da Língua Portuguesa.

Considerando, então, o gênero HQ como “peça” fundamental no processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, organizamos este trabalho em quatro partes..

Na primeira, apresentamos uma breve conceituação do gênero textual Histórias em Quadrinhos. Na segunda parte, discutimos sobre a Hqs como leitura e uso no ensino

de Língua Portuguesa para surdos. Na terceira parte, apresentamos a metodologia utilizada na presente pesquisa e por fim, trazemos as considerações finais.

O gênero discursivo **Histórias em Quadrinhos: Conceituando**

A origem das histórias em quadrinhos (HQs) ocorreu no século XIX por meio do artista norte-americano Richard Outcault, oficialmente a primeira HQ feita contendo os elementos que hoje caracterizam esse gênero (balões, personagens fixos, utilização da linguagem verbal e não verbal, vinhetas, em 1895, e publicadas em jornais da cidade de New York, ‘YELLOW KID’ ou ‘MENINO AMARELO’, ganhando grandes êxitos em todo o mundo, principalmente com o surgimento dos super-heróis (Paiva, 2016). Com o grande sucesso, outros escritores e ilustradores começaram a produzir suas próprias HQs, a fim de aproveitar a aceitabilidade do novo gênero e as possibilidades de criação que ele permitia.

De acordo com o dicionário Aurélio Online (2023) Quadrinhos pode ser definido como História narrada por meio de pequenos quadros, ou unidades gráficas compostas por texto e imagem, que ficam dispostos um ao lado do outro, no decorrer de tiras (horizontais ou verticais);

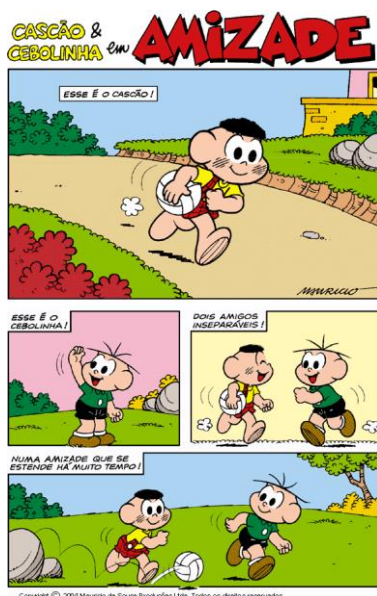


Figura 1: Fragmento da Turma da Mônica

Fonte : <https://ocapacitor.com/uma-das-melhores-historias-da-turma-da-monica-amizade/>



No Brasil, as HQs mais famosas são do cartunista Maurício de Sousa, que desde a década de 50 encanta crianças, jovens e adultos com suas histórias. Sofreu durante anos perseguição, mas somente com a implantação desse gênero pela LDB e pelo PCNs no ensino é que ele começou a realmente ganhar espaço no meio didático.

[...] pode-se afirmar que os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos PCN, criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10 apud SILVÉRIO; REZENDE, p. 228).

Vergueiro (2010) salienta a importância das Histórias em Quadrinhos no contexto escolar:

i.) Os estudantes querem ler os quadrinhos; ii.) Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; iii.) Existe um alto nível de informação nos quadrinhos; iv.) As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; v.) Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura; vi.) Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; vii.) O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar; viii.) Os quadrinhos têm um caráter globalizador; ix.) Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema (VERGUEIRO, 2010, p. 21-25).

Como podemos ver, HQ assume seu protagonismo no ensino, mas precisamos melhor compreender como ela pode ser engendrada com o ensino de surdos na perspectiva de L2. Isso veremos mais adiante.

HQs: Leitura e uso no ensino de Língua Portuguesa para surdos

Desde muito cedo, as crianças já estão em contato com as letras, palavras e textos. Em uma sociedade grafocêntrica, estamos a todo momento tendo acesso a informações que nos chegam por meio de diferentes mídias: impressa, digital, televisiva, radiofônica, etc. Dessa forma, é necessário desenvolvermos habilidades de leitura para lidarmos com essa multiplicidade de informações. Ocorre que apenas a leitura, isto é, a decifração de código não possui significado em si, ela deve vir atrelada à habilidade de interpretar. Se aprender a ler e escrever já se mostra um desafio para crianças ouvintes, imagine para crianças surdas que possuem um campo de recepção diferente tendo por língua natural (deveria-se) a Libras.

De acordo com Leal (2020a) a Libras é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, uma língua de modalidade gestual-visual onde é possível se comunicar através de gestos,

expressões faciais e corporais. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desde 24 de Abril de 2002, através da Lei nº 10.436. A Libras é muito utilizada na comunicação com pessoas surdas, sendo, portanto, uma importante ferramenta de inclusão social.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras e a Língua Portuguesa são as línguas que atravessam a educação de surdos constituindo politicamente enquanto direito linguístico. Para Quadros (2006) as formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes. Elas se manifestam mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos. Acreditamos que através da aquisição dos conhecimentos mediados pela língua de sinais, esta servirá de língua de instrução para aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa por sujeitos surdos. Tanto o ensino da Libras quanto do Português, conscientemente bem articulado, viabilizam a educação de surdos. É interessante pontuar que, o Português é a língua oficial do nosso País, e uma segunda língua para pessoas surdas. Como língua de nosso país, constitui-se pois como direito universal, pessoal, não patrimonial, inalienável pertencente aos seus titulares, tida como fundamento da soberania nacional, bem como patrimônio cultural de nosso povo, requerendo assim um processo formal para sua aprendizagem.

Grande parte do sistema educacional, embora já tenha havido vários avanços, ainda encontram-se despreparados para ensino de Surdos, principalmente como usuários do Português como segunda língua (L2). Além desse desafio ligados aos ensino, cotidianamente os Surdos encaram o desafio de estarem em seus país e viverem como se fossem estrangeiros pela falta de conhecimento e acessibilidade linguístico da população. Nesse sentido, entendemos que é necessário desde cedo que a escola estimule a leitura de textos a fim de que os surdos aprendam a língua portuguesa. Reportamo-nos assim a Bakhtin (1997, p.95) que afirma: “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”. Dessa forma, o uso das Histórias em Quadrinhos potencializa o reconhecimento das palavras e os seus múltiplos sentidos, isto é, produzimos sentido para o que lemos, a partir de nossas experiências significativas. Sobre gêneros, Marcuschi (2008. p.161) ressalta que: “são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia”. Por isso, é tão necessário defender o uso de

gêneros, apresentando suas características, funções e contextos de uso, como as Histórias em Quadrinhos.


METODOLOGIA

Com base na abordagem, a presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, do tipo bibliográfica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), pois não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas e sim fazer um estudo sobre o gênero textual em quadrinho no qual analisa quais as contribuições das Histórias em Quadrinhos para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa para sujeitos com surdez. Sendo assim, realizamos a seleção de algumas obras para análise seguindo os seguintes critérios:

- A representatividade da comunidade surda e sua respectiva língua, as Libras, incluindo suas singularidades;
- Frequência de verbos, conjunções, advérbios, preposições e expressões adjetivas em situações de ato-ação que, a priori, tenham seu entendimento facilitado pelo entrelaçamento entre palavras e imagem;
- Acessibilidade da história aos docentes e discentes, a incluir fatores como gratuidade, plataforma (disposição física e/ou digital) e formatação.

Segue abaixo duas obras selecionadas para respectiva análise:

Quadro 1 – Indicações de HQs para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa a surdos

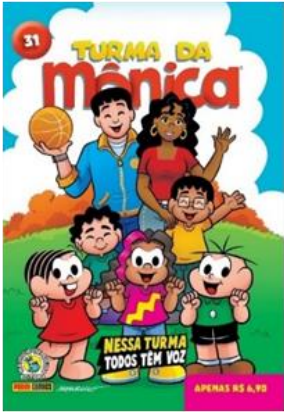
Obra	Ficha técnica
	<p>Autoria:Roteirista não informado/Mauricio de Sousa Produções</p> <p>Editora:Panini Comics</p> <p>Periodicidade:mensal</p> <p>Data de publicação:Jan/2017</p> <p>Quantidade de páginas:36</p>

<p><i>Saiba Mais! Turma da Mônica 1ª Série - n° 112</i></p>	<p>Encadernação:Lombada com grampos</p> <p>Classificação etária:Livre, com foco no público infantil</p> <p>Formato/mídia: Edição física disponível nos sebos, sites especializados e <i>comic shops</i> (edição digital e atualizada da revista está disponível no aplicativo <i>Banca da Mônica</i>)</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Nesta obra, a Mônica, a partir da metalinguagem, estabelece diálogo didático e direto com o leitor, em conformidade com o estilo didático do título *Saiba Mais com a Turma da Mônica*. Os textos são curtos, instrutivos e educativos, voltando-se para crianças pequenas. Esse *target* não impede sua leitura utilitária por parte de jovens, adultos ou idosos. Há uma ordem cronológica direta, que narra a ida de Mônica até sua escola. No caminho, a protagonista exercita o diálogo cotidiano (gênero primário). Para com o leitor e demais personagens coadjuvantes, que se encontram no percurso e na própria sala de aula. Ações são explicitadas por quadros duoespecíficos, como o primeiro. “Estou indo à escola”, diz Mônica, que já caminha de uniforme e mochila nas costas. Cenas nesses moldes ajudam o surdo a perceber a ação verbal posta no gerúndio, decodificada pela imagem. Para ele, há uma redundância utilitária, necessária à intenção de aprendizado do português. O Tema da inclusão social cria nítida representação para leitores de diferentes deficiências, a incluir a própria surdez. Após se encontrar com o personagem Humberto, surdo, Mônica explica como o desconhecimento da fonética das palavras dificulta a aquisição de uma língua. A página 11 traz o alfabeto dos sinais minuciosamente, o que estimula seu aprendizado por parte de leitores não surdos. Na aula, a professora explica os preconceitos sociais como práticas condenáveis. A importância da educação também é salientada. Além de verbos, expressões adjetivas também se mostram centrais na narrativa. Os passatempos e atividades que acompanham a revista substituem o modo imperativo por sugestões interrogativas, carregadas de conectivos em cada formação sintagmática. Ao menos dois dos exercícios estimulam o aprendizado de palavras, como “cidadão”, “acessibilidade”, “cultura” e “audição”. O nível de organização discursiva simples é trunfo para possíveis aplicações didáticas.

Quadro 2 – Indicações de HQs para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa a surdos

Obra	Ficha técnica
 <p><i>Turma da Mônica 3ª Série - n° 31</i></p>	<p>Autoria: Edson L. Itaborahy/Mauricio de Sousa Produções</p> <p>Editora: Panini Comics</p> <p>Periodicidade: Quinzenal</p> <p>Data de publicação: Maio/2023</p> <p>Quantidade de páginas: 52</p> <p>Encadernação: Lombada com grampos</p> <p>Classificação etária: Livre, com foco no público infantil</p> <p>Formato/mídia: Edição física disponível nas livrarias, sites especializados, sebos e <i>comic shops</i> (edição digital disponível no aplicativo <i>Banca da Mônica</i>)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Novamente, indica-se uma publicação pela representatividade como coeficiente de atração ao público-alvo abordado neste artigo, pois sabemos que “um indicador infalível de envolvimento do público é o grau em que este se identifica com os personagens da história” (Mccloud, 2005, p. 42). A edição apresenta a novata Sueli, menina de 9 anos, descrita por Mauricio de Sousa como esperta e inteligente. Surge notoriamente com o objetivo de estimular o uso da Libras e atua essencialmente como uma personagem inclusiva, que, ao contrário do Humberto, que não gesticula conforme as Libras, colocará seu repertório linguístico-visual em atividade nas histórias da Turma da Mônica. Na escola, Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Xaveco são apresentados a uma família diversificada: Jairo, o novo professor de educação física descendente de sul-coreanos e seus filhos, Lipe (Felipe) e Sueli. Tem Iago, o caçula, e Natália, mãe e engenheira de software que amplia a representação negra nas revistas. Além de irmão, Lipe é intérprete da menina, cujos movimentos com as mãos são construídos por códigos semióticos típicos dos quadrinhos, conhecidos como linhas cinéticas. São traços suaves, que indicam o movimento ou a trajetória de seres e objetos em ação, agregando dinamismo à narrativa. A premissa aqui é não entregar uma história puramente didática,

mantendo jornadas atrativas e enredos igualmente virtuosos. Como parêntese, é válido indicar como na grande maioria das histórias da MSP as onomatopeias se fazem presentes, cuja relativa arbitrária pode contribuir ao leitor surdo com dada fluência na L2 simular em sua mente o ruído que é simbolicamente representado –ou se aproximar dele psiquicamente. A trama é direta, segue cronologia linear, evidenciam tempo pelo movimento espacial de cada evento e, durante as manifestações discursivas de Sueli, os quadros duo específicos operam para que uma linguagem traduza a outra, consoante ao contexto discursivo. Todavia, as Libras aqui seguem minoritárias em comparação à verbalização em português. Dá-se que nem sempre uma troca paradigmática se fará possível ou necessária, pela dificuldade de serem mudados os padrões da produção cultural. A coerência formada pela ordenação lógica dos léxicos presentes expõe Sueli como perspicaz e habilidosa fisicamente, em clara intencionalidade do roteiro de naturalizar suas múltiplas competências.

Como podemos perceber as Histórias em quadrinhos permitem uma análise textual por meio de uma leitura completa, a medida em que vai lendo o discente surdo será capaz de identificar aspectos textuais não identificados em uma primeira leitura. No primeiro momento o leitor surdo irá localizar as palavras desconhecidas e as expressões novas alinhado aos seus significados. Para que o aluno consiga perceber todos os elementos faz-se releitura e descrechamento do fragmentos para compreensão das ideias. Após isso, o texto é retomado integralmente e para identificar-se as ideias do autor.

Mediante ao exercício diário de leitura e interpretação, o discente vai desenvolvendo sua criticidade diante dos textos, permitindo que o leitor seja capaz de estudar os gêneros textuais com linguagens mais rebuscadas e com maior nível de dificuldade.

A prática de análise textual normalmente é uma prática desenvolvida em grande parte nas aulas de Língua Portuguesa, sendo necessário também esse trabalho em outras disciplinas, pois os textos em outras matérias precisam também ser analisados e interpretados, sendo portanto comum a todas as áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Histórias em Quadrinhos evidenciam sua relevância para o desenvolvimento da leitura e do binômio entretenimento-representação. Suas enriquecidas possibilidades de combinação entre o verbal e o não-verbal, adaptáveis a perfis dissímeis, propõem caminhos para refletirmos o ensino de língua portuguesa para surdos na perspectiva de L2. Sabemos que vários fatores influenciam na aprendizagem do surdo, uma vez que o mesmo capta o mundo por meio de experiências visuais. Sendo assim, o professor deve explorar os recursos visuais, acreditamos também ser necessário a mediação por meio da Libras servindo esta como língua de instrução para a segunda língua. Outro ponto importante também, é conhecer elementos constitutivos do gênero histórias em quadrinhos para melhor apropriação do gênero textual e melhor adequação e exploração de ensino e aprendizagem do discente. Acreditamos que a seleção de HQs deve ser rigorosa, primando por um conteúdo instigante, desafiador da inteligência e favorecedor do amplo debate.

Por fim, concluímos que as Histórias em Quadrinhos trazem muitas contribuições para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa para sujeitos com surdez, uma vez que apresenta vários recursos intertextuais das mais variadas fontes, sendo pois um material de bastante atualização, informatividade. Acreditamos ser oportuna sua inserção em sala de aula, possibilitando ampliação de vocabulário, compreensão de conceitos, bem como aprendizado de leitura e escrita. Julgamos que HQs servem de aporte para organização de uma sequência didática bastante elaborada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 25 Out. 2025.

Bakhtin M (Volochinov). Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes; 1997

CIRNE, Moacy. A Explosão Criativa dos Quadrinhos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

DIONÍSIO, A. P. **Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita**. In: MARCUSCHI, L. A. e DIONÍSIO, A. P. (horas.). Fala e Escrita. Belo Horizonte: Autêntica.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). Métodos de Pesquisa. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão paraibano**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, p.204, 2020. Disponível em: 4885jessica_girlaine_analise_da_variacao_lexical_dos_toponimos_(...).pdf (uern.br). Acesso: 18 de Novembro de 2023.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

MARCUSCHI, L. A.. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAIVA, F. S. *História em quadrinhos na educação: memórias, resultados e dados*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

QUADRINHOS. In Dicionário Online de Português Aurélio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/quadrinhos/>>. Acesso em: 18 de Novembro de 2023..

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L.P. Idéias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. Leitura e Formação de Leitores: Vivências Teórico Práticas. Londrina: Eduel, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Quadrinhos na educação. São Paulo: Contexto, 2009. apud Silvério, L. B. R.; Rezende, L. A. O valor pedagógico das histórias em quadrinhos no percurso do docente de língua portuguesa. I jornada de didática – o ensino como foco; e I fórum de professores de didática do estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/O%20VALOR%20PEDAGOGICO%20DAS%20HISTORIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.